

A vida é bela (*La vita é bella* de Roberto Benigni, 1998): uma análise do filme à luz da filosofia de Schopenhauer

The life is beautiful (La vita é bella by Roberto Benigni, 1998): an analysis of the movie from Schopenhauer's philosophy perspective

Alexander Almeida Morais¹

Resumo: Este artigo é o resultado de uma atividade do PET-Filosofia (UFPI) denominada Cine-PET. Nesta atividade são exibidos alguns filmes e depois há uma discussão filosófica sobre o conteúdo dos mesmos. Neste filme – *La vita é bella* (A vida é bela) –, foram analisadas as idéias de otimismo, ilusão e representação para o querer-viver perpassadas pelo filme à luz da idéia de Schopenhauer sobre a *Vontade* como a verdadeira essência do mundo. A *Vontade*, para Schopenhauer, é caracterizada por ser um impulso cego, desejante e insaciável, que por isso, constitui o sofrimento e as dores de todos os seres do mundo.

Palavras-chave: Schopenhauer, Vontade de vida, representação.

Abstract: This article is the result of an activity of PET-Philosophy (UFPI) called Cine-PET. This activity are displayed some movies and then there's a philosophical discussion about their content. In this film - *La vita is bella* (Life is Beautiful) - were examined ideas of optimism, illusion and representation for the "want to live pervaded by film to light the idea of Schopenhauer's Will as the true essence of the world. According to Schopenhauer, the Will is characterized by being a blind impulse, desiring and insatiable, which therefore constitutes the suffering and pains of all beings in the world.

Key-words: Schopenhauer, Will-to-live, representation.

O filme *A vida é bela* se passa na Itália de 1939, onde Guido Orefice (Benigni) instala-se na cidade de Arezzo, onde abre uma livraria. Lá ele conhece e se apaixona por uma professora chamada Dora (Braschi) com quem se casa e tem um filho, o pequeno Giosué (Giorgio Cantarini). A vida da família se passa de forma feliz, até que inicia a II Guerra Mundial. A partir de então, Guido, que é judeu, é levado junto com a família para um campo de concentração. Guido, com o intuito de proteger e salvar seu filho, começa a fingir e a “mascarar” a verdadeira realidade em que se encontram para que Giosué creia que os dois estão participando de uma brincadeira cujo prêmio no final é um tanque de guerra. Assim, a partir deste momento do filme começam várias cenas cômicas, pois, de acordo com as situações Guido precisa sempre inventar uma encenação para que o filho não

¹ Ex-aluno do PET Filosofia UFPI; Mestrando em Ética e Epistemologia (UFPI).

descubra a verdadeira realidade. À custa de sua própria vida, no fim, Guido consegue salvar seu filho:

A partir da segunda metade do filme, marcada pela aparição do pequeno Giosué (Giorgio Cantarini), Guido (Benigni) tenta, até o fim, mostrar ao menino exatamente um mundo fictício e belo, que se sustenta na persistente ocultação da verdadeira realidade. Guido constrói para o menino a beleza inexistente da vida. O campo de concentração é transformado em *camping*, o trabalho forçado em jogo, a burocracia criminosa em uma organização bem-sucedida, o sofrimento em pontos ganhos, o aprisionamento em um belo presente de aniversário.²

Este filme traz muitos conceitos schopenhauerianos. Por coincidência ou não, Schopenhauer é mencionado dentro do filme, quando o amigo de Guido, chamado de Ferruccio diz que pratica a filosofia de Schopenhauer acerca da vontade, de acordo a qual “eu sou o que quero ser”. Guido, de forma cômica, utiliza essa “fórmula” schopenhaueriana duas vezes no filme. A primeira é quando quer chamar a atenção de sua amada Dora quando esta vai ao teatro assistir a peça de Offenbach. A outra, já no final do filme, é quando Guido tenta disfarçar o esconderijo do filho para que o soldado nazista não o encontre.

Para Schopenhauer, a essência do mundo é a Vontade que é um impulso (*Trieb*) cego, ou seja, inconsciente para a vida. Isto quer dizer que esta “Vontade” não é guiada por nenhuma racionalidade e não possui nenhum *telos*.³ A Vontade sempre se pretende como afirmação de si mesma – *vontade de vida* que é esfomeada e hipersaciada. Ela oscila eternamente entre a dor e o tédio:

Já ao considerar a natureza bruta, reconhecemos como sua essência íntima o esforço, um esforço contínuo, sem alvo, sem repouso; mas, no animal e no homem a mesma verdade manifesta-se muito mais evidentemente. Querer, esforçar-se, eis todo o seu ser: é como uma sede inextinguível. Ora, todo querer tem como princípio uma necessidade, uma falta, portanto a dor: é por natureza, necessariamente, que eles devem tornar-se a

² CABRERA, 2007, pp. 92-93.

³ Esta questão sobre o não *finalismo* da Vontade como coisa-em-si é, entre os comentadores de Schopenhauer, alvo de algumas controvérsias. Algumas vezes ao se referir a Vontade como coisa-em-si Schopenhauer a define como um impulso “cego e irracional”, não se podendo falar com relação a ela em um fim último de sua manifestação no mundo. Mas quando Schopenhauer fala sobre as manifestações da Vontade (ou seja, suas representações), do qual o mundo todo é seu fenômeno, ele parece admitir certa “tendência” da Vontade a se objetivar de forma cada vez mais clara possível nos vários fenômenos que compõem o mundo. Assim, o filósofo admite certa gradação nas manifestações da Vontade, que vai da forma mais baixa que se encontra no mundo inorgânico, passando pelos reinos das plantas e dos animais em geral, até chegar a forma mais clara de sua objetivação, que é o homem. De modo que deste ponto de vista (da Vontade enquanto representação) podemos falar de uma “teleologia” da Vontade em sua busca de objetivação mais perfeita possível. Sobre este ponto conferir: CACCIOLA (1993, pp.79-98; 1994).

presa da dor. Mas se a vontade chegar a ter falta de objeto, se uma pronta satisfação lhe vier roubar todo motivo para desejar, ei-los caídos num vazio terrível, no aborrecimento: a sua natureza, a sua existência pesa-lhes com um peso intolerável. Portanto, a vida oscila, como pêndulo, da direita para a esquerda, do sofrimento para o aborrecimento: estes são os dois elementos de que ela é feita, em suma⁴

De acordo com Schopenhauer, para que a Vontade de vida consiga se estabelecer, o homem muitas vezes passa a criar *representações abstratas* que são formadas por sua razão que oculta e dissimula aquilo que em sua vida poder-lhe-ia destruir imediatamente. Schopenhauer distingue dois tipos de representações: as primeiras são as *representações intuitivas* que dizem respeito aos dados que nos proporcionam nossos sentidos de algum objeto que nos afetam. Dados esses, que são por sua vez organizados pelas formas a priori de nosso entendimento – o espaço, tempo e a causalidade –, que tornam para nós esse mundo inteligível. O segundo tipo de representações são as *representações abstratas* que são formadas pela razão a partir da combinação das representações intuitivas. Elas são núcleo da nossa capacidade para a linguagem e para a ciência. São com relação a essas representações que o homem constrói as convenções sociais, faz projetos em comum com outros homens e cria a filosofia.

Para Schopenhauer, o “amor” é uma dessas representações abstratas criadas pelo homem que garante o objetivo da Vontade de se objetivar através da perpetuação da espécie⁵. O simples impulso cego de satisfação sexual que garante a objetivação da Vontade através da multiplicação de vários indivíduos que são seus fenômenos no mundo, passa a ser adornada com várias histórias do “amor verdadeiro” e da escolha do parceiro que teria como alvo a ilusão da “felicidade” no amor. Segundo Júlio Cabrera ao comentar este filme, também sobre o prisma da filosofia de Schopenhauer:

Para poder viver, precisamos negar a nossa condição: a finitude, a fragilidade, a doença e o abalo de nossos projetos de vida nas mãos de outras pessoas. A vontade de viver é, precisamente reativa, uma incessante tentativa de recuperação de um equilíbrio perdido. Essa essência volitiva do mundo torna estruturalmente impossível a felicidade, sendo apenas possível o afirmar-se contra a dor e a destruição. Para Schopenhauer, a vida não é, portanto, bela; o que é belo é, sim, exatamente aquilo que a oculta⁶

Assim, a negação do que é nocivo na realidade do homem, mesmo que com isso se crie uma “falsa realidade” em uma “falsa representação” é uma condição às vezes *sine qua*

⁴ SCHOPENHAUER, 2001, p. 327.

⁵ Cf. SCHOPENHAUER (2000).

⁶ CABRERA, *Op. Cit.*, p. 92.

non da perpetuação da vida. De acordo com a visão pessimista de Schopenhauer se as pessoas percebessem antes de vir ao mundo a terrível ocorrência que é a *existência* com suas dores, sofrimentos e morte, nenhum ser com um mínimo de inteligência acharia que esta vida não é algo mais do que um terrível inferno onde as pessoas estão pagando seus pecados, preferindo então a não-existência ao invés do existir. Citando o poeta Calderon em sua obra *A vida é um sonho*, Schopenhauer nos afirma que “o maior delito do homem é ter nascido” e que, portanto, é uma ficção esperançosa achar que este mundo é o “melhor dos mundos possíveis” como queria Leibniz, mas que esta idéia não se sustenta diante de uma confrontação com a experiência real de milhares de pessoas no mundo.

Segundo Schopenhauer, uma das saídas para o sofrimento que é uma marca constante no mundo é a arte. O gênio artístico consegue, mesmo por um tempo limitado, se *livrar da sujeição à Vontade cega* e constrói através da obra de arte, uma “representação pura”, um claro espelho do mundo como é em si. A arte ao mostrar o que está por trás de toda a aparência do mundo – a Vontade de vida como promotora dos sofrimentos de todos os seres que compõem o mundo –, faz como que o homem, de certa forma, busque uma possibilidade de não mais ceder as pressões dos seus impulsos e desejos. Enquanto o artista está na fruição da arte, ele se livra da tirania da Vontade cega e consegue com isso escapar do pêndulo dor/tédio⁷. Entretanto, a arte pode trazer apenas um *quietivo* para as manifestações da Vontade que quer sempre se afirmar, mas nunca negar a Vontade de vida de forma absoluta. Pois o homem como um indivíduo particular da objetivação da Vontade (o homem é um dos vários fenômenos da Vontade), pode negar a Vontade em si mesmo, mas esta como Coisa-em-si de todo o mundo continuará sempre a se perpetuar.

O objetivo da arte seria, na visão de Schopenhauer, o desvelamento (e não o ocultamento) do verdadeiro caráter do mundo, ou seja, a manifestação das dores e sofrimentos advindos de uma Vontade cega de auto-satisfação que constitui a essência universal de todo o mundo. Entretanto, o gênio do autor do filme *A Vida é bela*, Roberto Benigni, não consegue isso. Numa visão schopenhaueriana, o mundo retratado pela arte do filme de Benigni, ao contrário, está sujeito a Vontade de vida e permanece no *campo da ilusão representativa*. Com a ação de Guido para proteger o filho, mostrando a ele um mundo fictício e belo, promove dessa forma a ocultação da verdadeira realidade, o “em si do mundo”, que na visão de Schopenhauer é a Vontade como promotora das dores do

⁷ Cf: o livro III de *O mundo como Vontade e Representação* intitulado “O mundo como representação, segundo ponto de vista: a representação considerada independentemente do princípio da razão”. Neste capítulo de sua obra Schopenhauer expõe a possibilidade do homem obter um certo conhecimento (intuitivo pela arte) da coisa-em-si (a Vontade) do mundo livre da sujeição à própria Vontade.

mundo. Nas palavras de Cabrera:

O pequeno Giosué é enganado pela ocultação, e nós os espectadores cúmplices, podemos nos divertir com a feiúra contemplada do mundo. A *contrário sensu*, e a favor de Schopenhauer, o filme mostra como não conseguimos viver o mundo a nu: se não fosse pelo trabalho da ocultação, não o suportaríamos. (...) Ao se referir à vida, ele a transfigura mediante uma fábula, obtendo um campo de concentração “vivível”, muito diferente daqueles onde milhares de Guidos e Giosués não puderam desenvolver tão alegremente sua criatividade. Certamente, o que é mostrado é belo, só que já não é mais a vida⁸

Diante da possibilidade da verdadeira arte e do verdadeiro gênio artístico de mostrar a *verdadeira realidade do mundo*, mesmo que esta se mostre extremamente cruel e trágica (que na visão de Schopenhauer corresponderia a uma representação correta do mundo), o que fica a perguntar, segundo o pensamento de Schopenhauer, é o que é melhor: a ocultação (falsa representação) que promove a Vontade de vida ou o desvelamento da realidade em si do mundo, mesmo que esta se nos apresente como um irremediável sofrimento e aborrecimento. Para Schopenhauer a decisão de escolha entre uma dessas alternativas, levará o homem à “afirmação” ou “negação” da Vontade. A primeira escolha é o que segue grande parte das pessoas de forma inconsciente sem nunca se perguntarem sobre o fundamento desta vida que se passa cheia de dores e sofrimentos, e que tem como destino inevitável a morte.

Ou esta afirmação da Vontade pode ser feita de forma consciente numa espécie de *amor fati* nietzscheano pela vida, tal como ela se apresenta no mundo. Um verdadeiro “sim”, não só para o necessário na vida, sem ocultá-lo, mas afirmá-lo no que ele é e tem de trágico, não distinto no porvir ou no passado, ou em toda a eternidade. Essa idéia é expressa na enigmática pergunta nietzscheana que questiona se você gostaria ou não de viver essa mesma vida que você está vivendo novamente e por toda a eternidade. Se a resposta for sim então você está vivendo uma vida que vale a pena. Se não, sua vida não está sendo desenvolvida no máximo potencial a que ela poderia chegar, justamente porque você gostaria de estar vivendo outra vida que não a sua. As conseqüências disso são o ressentimento, a fraqueza e a imobilidade espiritual do homem. Como exemplo disso, para Nietzsche, está a moral dos cristãos que jogam sempre para o futuro ou para outro mundo as realizações que eles não conseguem fazer aqui neste mundo. Eles nunca concretizam suas “melhores vidas”, elas estão sempre por vir.

Mas para Schopenhauer essa “Vontade de vida” é o motor do mundo e o

⁸ CABRERA, Op cit, p. 93.

originador das dores e sofrimento desse mesmo mundo. Para aquele que toma consciência disso, há a saída “extrema” da negação da Vontade (ato que está na base da ética de Schopenhauer), que diz não as exigências da Vontade. Mas isso só é possível, enfatiza Schopenhauer, quando nós apreendemos esse mundo fora da representação; ou seja, quando apreendemos a outra face do mundo, a Vontade como *coisa em si*. Esta apreensão da outra face do mundo só possível através de uma análise profunda de nossas representações intuitivas e abstratas com objetivo de ir além delas para alcançar o fundo que se encontra por trás delas, ou seja, a Vontade como *coisa-em-si*. A obra magna de Schopenhauer – *O mundo como Vontade e Representação* –, busca expor este significado de dupla face do mundo, mas para aquelas pessoas que nunca tomam consciência da Vontade de vida como causadora dos sofrimentos do mundo e que ficam na ocultação da realidade, como no caso do filme de Benigni, só se pode chegar apenas ao aspecto da representação e nada mais.

Referências

CABRERA, Julio. *De Hitchcock a Greenaway pela história da filosofia: novas reflexões sobre cinema e filosofia*. São Paulo, Nankin, 2007.

CACCIOLA, Maria L. M. e Oliveira. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*. São Paulo: Edusp, 1994.

_____. A questão do Finalismo na Filosofia de Schopenhauer. *Discurso*. Vol. 20 (1993): 79-98.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Trad. M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.